Pela Cruz Vermelha Belga

A OBRA

DO

GERMANISMO

POR

M. BOMFIM
(Director do Pedagogium, professor da
Escola Normal)

RIO DE JANEIRO
Typ. Besnard Frères— 130, Rua do Hospicio
1915

Pela Cruz Vermelha Belga

A OBRA

DO

GERMANISMO

POR

M. BOMFIM

(Director do Pedagogium, professor da Escola Normal)

RIO DE JANEIRO

Typ. Besnard Frères— 130, Rua do Hospicio

1915

ALGUMAS EXPLICAÇÕES

O primeiro destes artigos foi escripto a 9 de Agosto, pouco depois da invasão da Belgica pelo exercito do Kaiser; nessa mesma data, foi entregue á Redacção do Jornal do Commercio, *que o publicou na edição da manhã de 17, do mesmo mez. O outro artigo foi feito no dia em que esse diario inseriu o primeiro resumo critico do livro do General von Bernhardi. A illustre Redacção resolveu reservar a minha collaboração para depois que se tivessem publicados os outros artigos-resumos do citado livro, pelo que teve de adial-a até 13 de novembro ultimo. Para o objecto desta explicação, só importa a data do primeiro trabalho.*

Bem quizera reconhecer, agóra, que não havia razão para aquelle confranger de coração, com que recebi as primeiras noticias do cata-

clysmo que se desencadeiara. Infelizmente, vieram os factos demonstrar que ainda eram falhas as imagens sinistras que na minha consciencia se evocavam ; e demonstraram, tambem, que nada havia de injusto na apreciação que fiz da obra prussiana, nem nas accusações que, pensadamente, levantei á politica germanica, por haver provocado esta guerra, que é o mais cruel attentado contra a civilisação, e, por isso mesmo, a mais dolorosa provação imposta á especie, depois que o homem chegou a conhecer os seus destinos.

Em face da monstruosa catastrophe, que faz estremecer de horror toda a humanidade, sentiu o Governo Allemão necessidade de justificar-se perante o mundo, e estabeleceu systematisada propaganda, no intuito de demonstrar "que não foi elle quem provocou o conflicto." Então, com o meticuloso methodo teutonico, — podam-se, transpõem-se, enfartam-se os documentos diplomaticos ; cita-se, commenta-se o que convem ; dissimula-se ingenuamente o que contraría, como si a consciencia do mundo fosse tão facil de illudir e de levar, como a do povo espesso a quem se promettia uma victoria mais facil que a de 1870, e cujo enthusiasmo aggressivo se despertava com as noticias tendenciosamente coadas, sinão perversamente falseadas, para os fins da infame suggestão guerreira.

O effeito dessa propaganda é inteiramente contraproducente ; em primeiro lugar, porque pelo proprio intuito se denuncia — a necessidade de justificação; *depois, porque toda ella se faz com o espirito estreitamente interesseiro de um*

pleito, como se tal assumpto supportasse dialectica de chicana.

Que valem telegrammas e notas de dissimulada diplomacia, cotejados com os factos explicitos e completos?... Quem é que estava preparadissima para a guerra? Quem é que, intencionalmente, forçou a Belgica para o conflicto, de que resultou o seu aniquilamento? Quem é que, para garantir o exito de um plano longamente meditado, renegou a propria assignatura, e mentiu á confiança, demonstrando por essa firme intenção de faltar ao tratado, — que a ideia da guerra já tinha vencido definitivamente todo sentimento de fidelidade e de honra?... Queria a guerra a Inglaterra...? No entanto, não estava organisada para isso, não obstante a fortissima campanha que ali se fazia (até por parte dos socialistas), para que se augmentasse o exercito, dizendo-se explicitamente — que era "contra a Allemanha ameaçadora..." Quantas vezes, ante o formidavel incremento da marinha allemã, tentou o Governo Inglez limitar os armamentos, e propoz o statu-quo, *isto é, a eliminação de toda possibilidade de guerra?...*

Foi a Russia quem quiz a guerra...? Mas ha um anno, que a imprensa allemã ataca insistentemente a Russia, chamando-a a campo, com uma tal violencia e impertinencia que, finalmente, ha uns seis mezes, o proprio ministro da guerra, em Petrograd, veio a publico dizer: que, si realmente a Allemanha queria a guerra, podia fazel-a, porque a Russia saberia defender-se. De toda a insidiosa balburdia diplomatica, só se tira um argu-

mento formal e impositivo: é a nota do governo Austriaco á Servia, nota preparada de forma a não poder ser acceita, para forçar a Russia a não mais contemporisar.

Seria talvez a França quem causou o conflicto...? Si nunca houve povo que mais dignamente se portasse diante do vencedor, nunca tambem houve uma Nação que mais cuidadosamente se esforçasse pela paz. O que os allemães consideram, talvez, provocação, por não comprehenderem certas formas de ser, era o sentimento de nobreza e a reserva de attitude, de um povo que não precisa tremer e não quer implorar. Mas a França mostrava, por todas as formas, que bem sabia não poder oppôr á formidavel machina guerreira allemã uma apparelhagem equivallente. Do modo mais esplicito, provou o Governo de Paris — que só se moveria para defender-se. E' extraordinariamente curioso — como illogismo — que esses mesmos germanos ou germanophilos, tão empenhados em innocentar a Allemanha, sejam os mais eloquentes em mostrar *"como estava desorganisado o exercito francez"! Quantas vezes não têm elles repetido, aqui, as famosas revelações do Senador Ch. Humbert, poucos dias antes da guerra, sobre a desorganisação essencial das forças militares da França?...*

Si, por um lado, são esses os factos, por outro lado, ahi está toda a litteratura politica dessa Allemanha, poderosa e avida, litteratura que em von Bernhardi se crystalisa, e que nos mostra, sem illusões possiveis, que o grande imperio estava resolutamente disposto a fazer a guerra,

para, num estudado golpe de força, assegurar a conquista do mundo. Fatuos cultores da força, imaginavam esses guerreiros sem nobreza, que as suas violencias e os seus ardis, servidos por um mecanismo exterminador cuidadosamente preparado, lhes garantiriam o prompto e effectivo senhorio do planeta, com o goso de todo o trabalho que a especie humana tem accumulado. Para realisar este sonho, não hesitaram em conflagar a Europa e degradar a civilisação inteira. E mais se degradaram elles proprios, no desvario desse barbaro ideal de conquista e dominio. Parece que o entendimento se lhes obliterou, e que aquella proverbial habilidade se diluio na cubiça generalisada. Pretenções, horrendamente ignobeis, e puerilmente inadmissiveis, apresentam-se aos grandes espiritos allemães, e em claro tom se proclamam, como si fossem projectos magnificamente humanitarios e redemptores. Agora, depois de declarada a guerra, registram-se dois factos bem expressivos.

Por isso mesmo que a grande Republica Norte-Americana é a mais poderosa das nações não incluidas no conflicto, tudo tem feito o Governo Allemão para captar seu bem-querer. Desenvolveram-se as demonstrações e seducções, á moda teuta, e o proprio Kaiser desce da sua situação semi-divina, para fallar de coração aberto ao seu amigo, o democrata professor Wilson. Para abafar os sentimentos de horror e de repulsa com que os Americanos receberam as noticias dos monstruosos attentados germanicos contra a cultura humana, recorre o governo de Berlim a um seu

pacifista profissional, o professor Ostwald, e manda-o para ali, com a missão de justificar os processos dos incendiarios de Louvain, e conquistar a opinião dos Estados Unidos. E tal é o vigor do inteiriço caracter teutonico, tal a força dos instinctos essenciaes do typo, sobre cada consciencia, que o pacifista, sem sahir do seu programma de paz, achou a formula para dar o mundo á sua gente. Então, aos olhos dos Yankees pasmados, elle delineou o seu ideal de paz: os Estados Unidos prestariam a sua assistencia á Allemanha, e, assim, liquidaria ella a guerra numa victoria, e assim terminariam todas as guerras... Ficariam sobre o planeta dois grandes povos, que o dividiriam; e, ab-eterno, *jungido á paz teuto-yankee, continuaria o velho globo a girar, para fazer dias e noites, invernos e verões,* ad-usum *dos mesmos yankee-teutos... Diz o commentador donde tive essa noticia, que os Americanos sorriram, quasi irritados pela proposta. Veio-lhes á mente, talvez, a aventura dos tres com o leão, que, aliás, si é realmente feroz, é regiamente nobre. Sorriram os Yankees, não só do engodo, como principalmente da pastosa ingenuidade germanica, imaginando-os capazes de quererem ficar a sós, com elles, sobre a face da Terra, dominados todos os outros povos... "O nobre felino, si chamou para si os 4/4 da caçada, em todo caso, deixou com vida os companheiros da empreza, mas o allemão...!" assim reflectiram os avisados america-*

Patricia Hoeg
Children's Libr., Public Library
502-15 Avenue
East Moline, Ill.

Bomfim, Manoel José do, 1868 –
A obra do Germanismo, por M. Bomfim.
de Janeiro, Typ Besnard Freres, 1915
6Ag53 g.W.S.Robertson
55pages

nos, e sem demora desilludiram o interessado pacifista germanico (1).

O outro caso é o do celebre dramaturgo, Gerhard Hauptmann, talento de escól, e que, até hontem, se considerava uma grande consciencia, impregnada de justiça, e votada á civilisação. Eil-o puro germanico, reduzindo a humanidade ao interesse do seu grupo.

Quando o mundo recuou de horror, ao conhecer as ignominias dos guerreiros teutonicos, e os ferreteou com o epitheto de barbaros, *Hauptmann doeu-se, e rugiu com toda a força do seu talento, num grito vibrante e reinvindicador; rugiu, para garantir que, elle proprio, se sentia em unisono*

---

(1) "Sendo um pacifista, o emissario de Berlim é obrigado a convender os seus correligionarios Americanos de que a victoria da Allemanha vai trazer sobre este planeta o reino da paz e da harmonia. Na opinião do Professor Ostwald, a principal causa da persistencia das guerras é a pluralidade de nações independentes. Portanto, a Inglaterra e a França, querendo manter a a independencia de pequenas nações Européas, trabalham de encontro á corrente do progresso, que tende a unifidar os povos em um numero estrictamente reduzido de grandes Imperios ou confederações. Os estadistas Allemães que, como o Professor assegura com toda a seriedade, são os politicos mais pacificos que jámais existiram, estão empenhados nessa obra de pacificar o o mundo pela eliminação dos fracos, que, como vimos, constituem a fonte das guerras e das rivalidades. Vencedora, a Allemanha proporá aos Estados Unidos a divisão do planeta em duas grandes potencias. De um lado a Allemanha, soberba e triumphante, que pacificará o Velho Mundo, estabelecendo sob a sua hegemonia a Confederação da Europa, cujo poder se extenderá pela Asia e pela Africa. Do outro lado do Atlantico, os Estados Unidos annexarão o Canadá e estabelecerão o dofinio politico effectivo sobre as Republicas Americanas, transformando a Doutrina de Monroe, cujo caracter indefinido desagrada ao espirito precizo do chimico pacifista, em um protectorado solido e estavel, mode-

com aquella obra, expressão affirmativa da Allemanha no mundo; que essa affirmação de ser e de expandir-se, era o proprio direito de viver, e que, por isso, a Allemanha se considerava mui legitimamente — na defeza do seu direito —, o direito de um futuro que lhe é destinado:

"Puzeram-nos um annel de ferro em redor do peito, e nós sabiamos que o peito, tendo de dilatar-se, havia de partir o annel, ou então teria que deixar de respirar. Mas, como a Allemanha não deixa de respirar, o annel fatalmente partio-se. Se o céo permittir que saiamos como novos desta prova titanica, teremos que assumir a sagrada missão de nos dignificarmos da nossa nova

---

lado sobre o exemplo que a Allemanha der na organização da sua Confederação da Europa.

"Quando esse plano estiver realizado, o mundo, dividido em duas fatias pelo sabre Prussiano, viverá reliz e contente. O Professor Ostwald delicia-se em antecipar essa era de paz, quando tiverem desapparecido as innumeras nações independentes que hoje difficultam a consummação do sonho dos pacifistas. Não haverá mais uma infinidade de pequenos Governos, querendo metter o bedelho nos grandes problemas internacionaes: Berlim e Washington serão os dous grandes centros, de onde o universo será governado.

"O illustre sabio pacifista deve ter ficado desapontado com a maneira como os Americanos acolheram a offerta, que elle tão generosamente lhes vinha fazer em e patrulhado por *uhlans,* não apresente ao espirito Americanos duvidem de que o Kaiser possa vir a ter opportunidade de pôr em pratica o seu grandioso projecto de partilha do mundo, ou seja porque a perspectiva de viver a sós com a Allemanha, em um universo deserto e patrulhao por *uhlans,* não apresente ao espirito Americano as fascinações que a Wilhelmstrasse imaginava. o que é certo é que o pamphleto do Professor Ostwald não adeantou muito á causa Allemã."

(*Jornal do Commercio*, 11 Outubro de 1914).

existencia. Pela completa victoria das armas allemãs, estaria garantida a autonomia da Europa. A nossa principal missão seria fazer comprehender aos povos do continente que esta guerra fôra e deveria ser a derradeira entre elles. Elles teriam afinal de comprehender, que seus sangrentos duellos, só trazem ignominiosa vantagem áquelle, que, sem tomar parte na luta, a provoca. Terão que tomar como norma de vida o trabalho culto e o culto á paz, que tornará impossiveis as desavenças.

"N'este sentido já se tinha feito muito, antes da guerra. A barbara Allemanha está, como é sabido, á frente dos outros povos, a respeito de grandiosas organizações para o bem-estar social. Uma victoria impôr-nos-hia continuar neste caminho, espalhando em geral os immensos beneficios dessas organizações. A nossa victoria garantiria tambem aos povos germanicos a continuação da sua existencia para o beneficio do mundo.

"Em tres fronteiras está a nossa geração de sangue. Eu enviei dous filhos para a fronteira. Todos estes destemidos guerreiros allemães sabem perfeitamente para que fim partiram para a campanha.

"O socialista ao lado do burguez, o camponez ao lado do sabio, o principe ao lado do operario, todos lutam pela liberdade allemã, pela familia allemã, pela arte allemã, pela sciencia allemã e pelo progresso allemão.

"Lutam com toda a limpida consciencia, por uma causa nobre e generosa, pela nação, por bens

internos e externos, uteis ao progresso e á grandeza da humanidade." (1).

E' espantoso!... Hauptmann! o Hauptmann dos Tecelões!... *O instincto dominou-o, e tudo supplantou na nobre consciencia... até a originalidade. Nem lembrou ao grande degradado, que essa paz por elle promettida, não chega a ser nova, nem original, como invento litterario. A poesia cantara-a, tristemente, na banalissima* paz dos tumulos, *e a litteratura diplomatica celebrisara-a na muito citada* paz de Varsovia. *E é isto o que elle, profeta de vocação tardia, vem prometter ás almas inquietas...!*

No desenvolvimento do meu primeiro trabalho, ainda sob a impressão terrivel da guerra que estalara, dominei todo sentimento que não era a pura aspiração de uma completa solidariedade humana; e, voltado para esse ideal, procurei nas inducções da Historia uma apreciação imparcial. Calei, deliberadamente, toda a minha paixão de latino pelo destino na Nação Franceza, que, na harmonia e no vigor do seu genio, soube conservar e renovar a grandeza e a belleza da mais completa e mais humana civilisação que sobre a Terra tem florescido, a civilisação mediterranea, que é, realmente, a gloria e o triumpho da especie. Ca-

---

(1) Esta carta foi escripta por Hauptmann ao escriptor norueguez Bjoern Bjoernsen, e publicada no "Berliner Tageblatt" de 26-8-14

(Transcripto do *Jornal do Commercio*, ed. da tarde, 3 de Outubro, de 1914).

lei, porque me pareceu que qualquer preferencia era como que um estimulo de barbaros instinctos, esses mesmos instinctos cujos surtos me horrorisavam. Mas agora, depois das infames depredações, calculadamente executadas sobre um povo nobre, pacifico e laborioso; depois do regimen do exterminio cruel imposto á Nação Belga pela politica prussiana, que, a ferro e fogo, se vinga de uma honestidade não comprehendida; agora, que vejo a execranda unanimidade allemã em pós desse sonho de conquista mundial, sinto até orgulho em deixar falar todos os meus sentimentos de admiração por essas duas grandes culturas que se defendem — a franceza e a ingleza, e que, defendendo-se, defendem a todos nós, que prezamos uma consciencia livre, e aspiramos um destino verdadeiramente humano. Horrorisa-me a ultima revelação desse genio germanico, projectado sobre a humanidade, empenhado em fazel-a ao seu feitio, num satanico desejo de dominio supremo, e que conseguiu infamar a propria infamia, tirando á guerra todo caracter de nobreza e sobranceria. Tal é a violencia tedesca, nessa cubiça, que, parece, si para satisfazel-a e obter o triumpho, fosse preciso que cada um se maculasse abjectamente, e degradasse a consciencia na definitiva ignominia; si se exigisse para isso a renuncia completa de toda dignidade, elles o fariam... Venceriam, ainda que tivessem de tirar á especie humana todos os seus nobres attributos; venceriam, e adquiririam finalmente o planeta... que já não seria mais para o reino do homem, porque a especie se teria transmutado.

Nunca subordinei o meu pensar a uma razão exterior á minha consciencia. Hesitarei em formar juizo, reformarei os criterios, quando sobrevenham informações bastantes para isto; mas não quereria, nem saberia abdicar da direcção de mim mesmo, para submetter-me á autoridade de opiniões alheias, sem examinal-as e sem acceital-as por adopção de minha propria razão. Todavia, num assumpto dessa natureza, se visse apparecer, em opposição com o meu modo de pensar, a opinião de uma consciencia como a de Kropotkine, onde tudo se concentra para um perfeito julgamento social — lucidez, sentimento de humanidade, intrepidez moral — isto me abalaria muito. Por isso mesmo, sinto-me, não ufano, mas tranquillo, na certeza de ter sido justo e opportuno, quando, em nome da civilisação, condemnava a obra execravel do prussianismo. Kropotkine, o principe feito apostolo da justiça e da bondade, esse mesmo que tudo abandonou na vida afortunada que o berço e o talento lhe offereciam, para dedicar-se exclusivamente á obra de redempção e de fraternidade humana, não hesita em aconselhar a guerra ao cruel Estado Prussiano.

O jornal de Moscow, Rousskia Viedomosti, *publicou uma carta dirigida por esse apostolo ao Professor Gustavo Steffen, e na qual se lêem as seguintes pessagens:*

“ Desejais saber a minha opinião sobre a a guerra; eil-a, breve e clara:

“Neste momento, todo aquelle que poder e quizer empregar algum esforço util para salvar a civilização europêa e cooperar na luta em favor

da Internacional Operaria, só tem uma cousa a fazer: ajudar a esmagar o inimigo das nossas mais sagradas aspirações — o militarismo prussiano, o imperialismo allemão.

"Na ala esquerda da Internacional outro homem lutou contra o inimigo prussiano: foi o Russo Bakounine, que tentou levantar a opinião publica européa com as propheticas *Cartas a um Francez,* que elle considerava o seu testamento politico.

"Para defender a França, logo após a quéda de Napoleão III, surgio o velho Garibaldi, e o telegramma: "A santa camisa vermelha desembarcou em Marselha", deu volta ao mundo, annunciando o proposito do leão italiano, de defender a França contra a invasão germanica.

"Ha porém, mais alguma cousa. Os partidos moderados e burguezes da Europa inteira, todos os homens de idéas independentes então protestaram contra o esmagamento da França. A Europa comprehendeu que o triumpho militar da Allemanha significava um entrave a toda a civilização representada pela França, e a renuncia, pela propria Allemanha, ao ideal humano que inspirava os seus melhores representantes. Toda a gente sentia que era a victoria da força bruta e o rebaixamento geral da cultura.

"E eis que esse Atila moderno arremessa sobre a Europa occidental a sua bestial soldadesca. O nosso dever é oppôr a semelhante ataque todos os meios á nossa disposição.

"Os diplomatas allemães seguem o exemplo de Bismarck e, a par da campanha militar, em-

prehendem uma campanha diplomatica, isto é, uma campanha de sophismas e de embustes..."

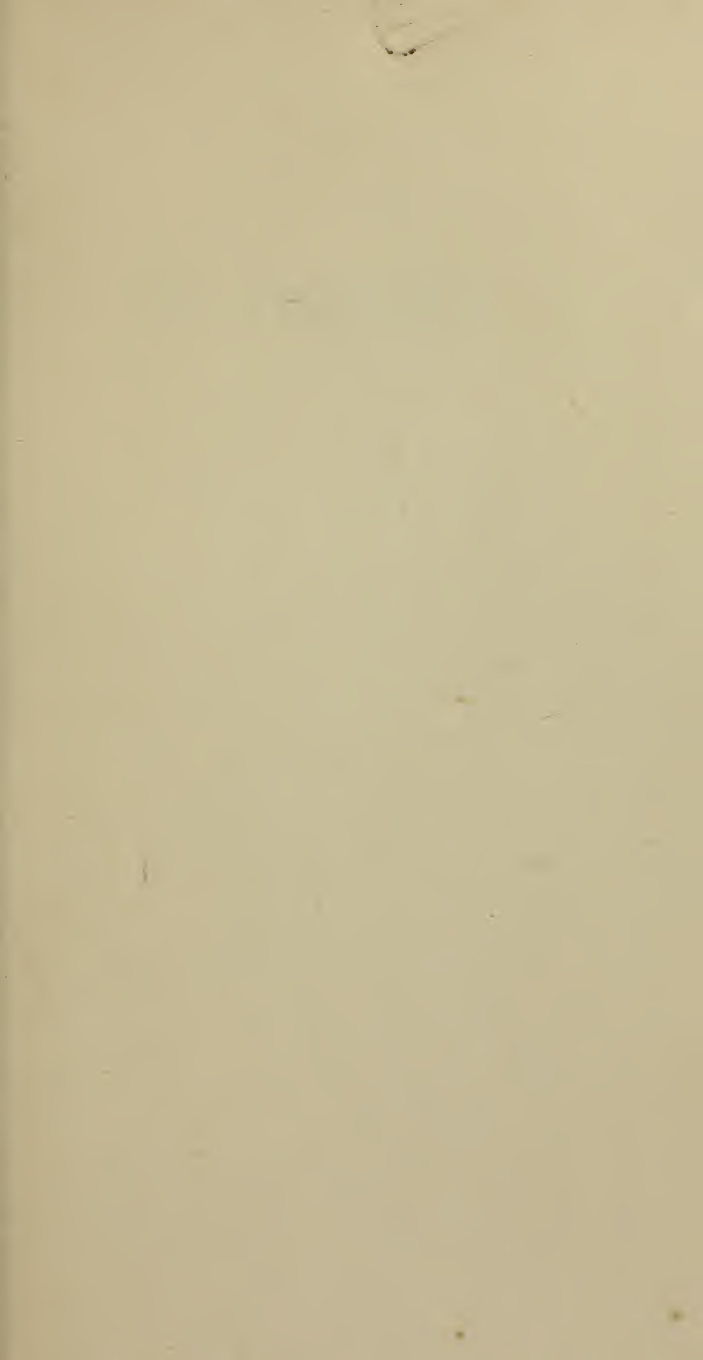
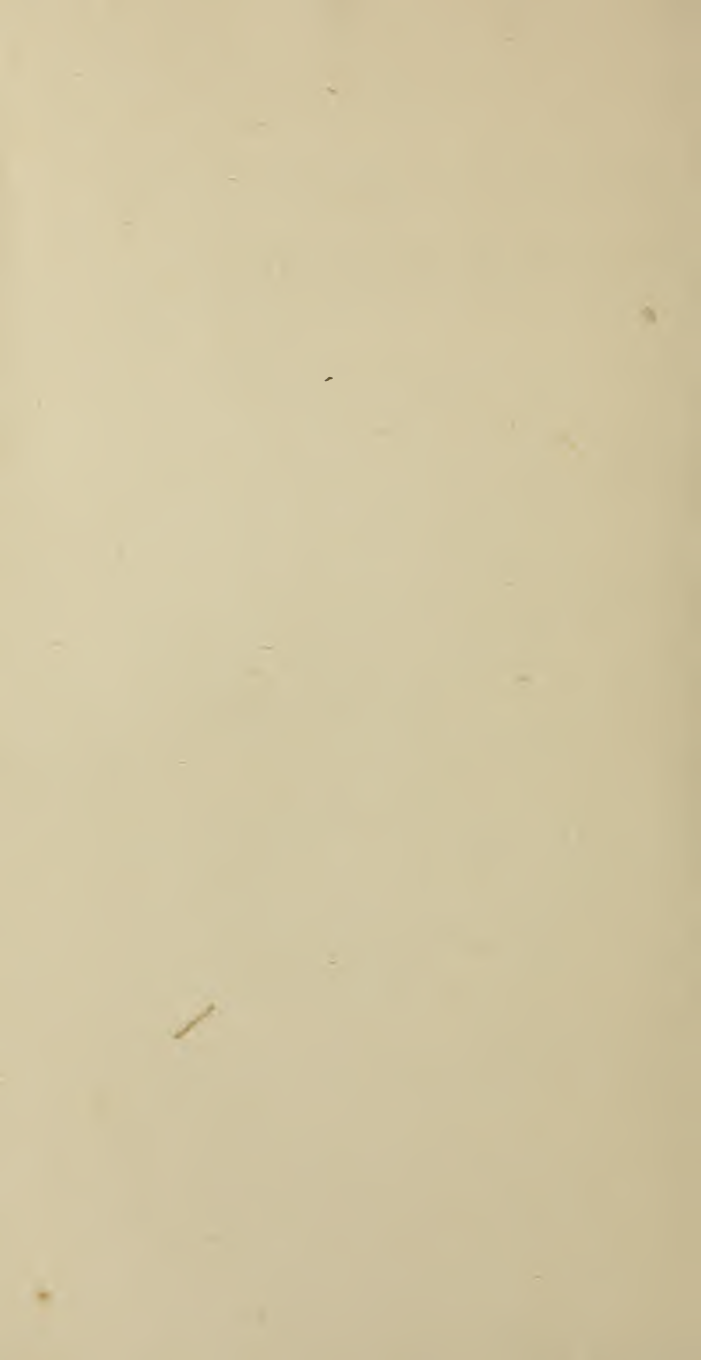
Em seguida, analysa o publicista as diligencias empregadas pela diplomatia Imperial, desde o inicio da guerra, e termina nos seguintes termos :

"Devemos, pois, fazer votos pela definitiva derrota da Allemanha militarista. Não nos assiste o direito da neutralidade, porque, neste caso, a neutralidade corresponderia á cumplicidade com esse despotismo de ferro. Os alliados hão de vencer; os direitos das nacionalidades no seu livre desenvolvimento hão de ser reconhecidos; o principio federativo encontrará a sua applicação no novo mappa da Europa; e a unidade das forças de combate, diante do perigo commum, dará os seus beneficos resultados.

"A causa é justa: ella triumphará."

Ha no primeiro destes artigos alguns desenvolvimentos que foram omittidos na publicação inicial, porque as paginas de um diario não os comportavam; junt̃o-os agóra porque elles completam o pensamento geral. Formam o segundo cap. do primeiro artigo.

M. Bomfim

Rio de Janeiro, 28 de Novembro de 1914.

A OBRA DO GERMANISMO

Ha mezes, um triste acaso me fez assistir a um assassinato. Num dos cafés centraes da cidade, nove horas da noite, a sala cheia: entra um individuo possante, robusto, de má catadura, mas compassado, calmo; pára junto a uma mesa, pouco adiante daquella onde eu estava, saca de um revólver e o descarrega sobre um pobre homem que, sentado, conversava com alguns companheiros. Ao segundo ou terceiro tiro, cahio o desgraçado, mal ferido, aterrado talvez, e o assassino continuou por um meio segundo a atirar sobre a massa inerte, que baqueara da cadeira, sem um gemido. Passados os instantes de estupor, quando os mais ousados acudiram, nada mais restava de vida; ninguem se lembrou, siquer, de examinar o corpo abatido. Envolvia-o o pavor da morte, morte sem agonia, sem dôr, sem luta. Então, o que dominava na emoção era o irreparavel — de um ser humano que se anniquilla subitamente, destruido por outro ser humano. Logo se ouvio um grito: "Lyncha!"... e eu comprehendi o delirio do lynchamento. A minha propria consciencia, vibrante e comballida, oscillava, da vertigem para a revolta, diante de uma realidade que eu percebia, mas não podia achar fórma entre os

meus elementos de razão. Como que o sentimento da vida moral se isolava num desamparo atroz, e me arrancavam para fóra da natureza humana. Não era a visão da morte que me esmagava a consciencia; era a brutalidade do assassinio — a destruição do homem pelo homem: uma vida que se agitava meio minuto antes, consciente, sentindo e pensando humanamente como eu, supprimida por acto consciente, voluntario, de outro ser humano....

A noticia desta guerra, a perspectiva desta carnificina a que se atiram, conscientemente e reflectidamente, todos os grandes povos da Europa, me produz a mesma emoção, — de horror vertiginoso e dolorido, a angustia mental de reflectir na consciencia uma realidade que a tortura como o ferro candente tortura o tegumento vivo, que se destróe na dôr...

E não posso deixar de affirmar a mim mesmo que toda essa infinita desgraça, que entenebrece a civilização e avilta o seculo, é a obra de um povo — producto do espirito prussiano sobre a Allemanha.

Prussia maldita, que levou o Occidente a afogar-se em sangue, infamando-o, degradando-o!...

Quando se impôz ao mundo a voz da Prussia, agitavam-se ainda sobre as consciencias grandes ideaes generosos; o homem se exaltava no sentimento de ser humano, superior á brutalidade, e desejava a perfeição na bondade. O semibarbaro do Sprée desacreditou tudo isto— generosidade e justiça, direito e humanidade; rebaixou a civilização ás suas convicções de mesquinha reali-

dade, destruio valores moraes, e fez pesar sobre os povos o regimen da defesa permanente, a constante perspectiva da guerra cruenta. "Nem discursos, nem votos de assembléas; os casos da Prussia resolvem-se pelo ferro e pelo fogo..." formulou o instincto da aggressão com o vigor de um genio; e grande, e forte, entre os grandes povos, obrigou-os a defenderem-se contra "o ferro" e contra "o fogo"; uma abobada de aço cobrio a Europa militarizada, que passou a viver num sonho horrendo, de guerra universal, de terriveis exterminios, como nunca se vira...

Este momento é o do terrivel despertar. Ainda não houve combates, mas o Occidente inteiro, como velha construcção, no estremeço de um terremoto que começa, geme por todos os seus angulos... parece que vai desabar.

Nem se sabe como viver esses dias execraveis.

Cultivando cuidadosamente a força guerreira, militarizando-se em todas as suas formas de actividade, a Prussia, a mais barbara das nações germanicas, dominou todo o resto da raça, e com isto inflou tanto que pretendeu impôr aò mundo todo o genio germanico, com a feição especial que lhe dera. "Nada se deve decidir no mundo sem a intervenção da Allemanha e do Imperador Allemão", proclamou sem rebuços o proprio Kaiser. Na emphase dessa jactancia prussiana, ha de tudo — cubiça, sêde de dominio, brutalidade, ostentação, vaidade, arrogancia. São ainda esses instinctos que fallam quando, em harenga de repercussão diplomatica, o mesmo Kaiser busca a ima-

gem forte que dê o sentimento nitido das aspirações dominadoras, onde se inspira a sua politica de ameaças: "Tenhamos a nossa polvora secca e as espadas afiadas..."

Com essas formulas se fez, durante quarenta annos, a influencia e a hegemonia da Nação que, de modo mais decisivo, pesou sobre a politica do mundo, e o mundo descreu de tudo que não fosse affirmação de força.

A expansão prussiana, que, hontem, era apenas nacional, explorando em seu proveito o sonho de unidade germanica, tornou-se mundial, imperialista. No emtanto, ella só é mundial pela extensão do appetite — de conquista e de espoliação. Quanto ao espirito de solidariedade, esse é estrictamente nacional. Para o germano prussianizado, *imperium* é o dominio effectivo, integral e ostensivo, o goso e a exploração da soberania pela força. Nem a Germania dos Hohenzollern, militarista e feudal, duramente realista, sedenta de mando e de riqueza, poderia desenvolver outra politica que não a da violencia. Desde os seus primeiros momentos, o imperio bismarkiano se mostrou o mais duro e aggressivo dentre os Estados de grandes ambições. Reconheçamos, no entanto, que esse imperialismo nunca foi o ideal acclamado pela Allemanha intellectual, que pensou e sonhou no cerebro dos Lessing e dos Heine, essa Allemanha que fallava de paz, de justiça, de ordem livre, de cultura e de harmonia... Com o prussianismo, substituem-se os Kant e os Gœthe pelos Bismark e Moltke, e quando se unificam as patrias germanicas, vemos surgir um imperio moderno-Bar-

baroxa, monstro politico, doloroso contraste daquelle ideal que Fichte propuzera á Germania culta e pensadora. O grande Estado se forma, não como a solução natural de nacionalidades que se fundem para um grande destino a que as arrasta um sentimento commum, mas como a solução violenta de um "conflicto de forças", a decidir-se pelo ferro e pelo fogo.

*
* *

Não pareça, porém, que a acção da execranda politica prussiana sobre a evolução da Nação allemã, tenha sido uma tortura para o genio desse povo. A civilisação é methodo consciente, o progresso social — uma norma evolutiva, a moral — uma disciplina voluntaria. Não ha cultura humana sem ordem systematisada; mas todo o valor da norma é o de um processo, sem outras virtudes si não a de permittir a realisação de um fim. A disciplina, indispensavel á vida moral, não é propriamente a moral; esta resulta da natureza dos actos, e está no sentimento de solidariedade social e de dignidade humana.

Apezar de todas as alternativas e oscillações, essa tem sido a orientação geral, imperfeitamente assimilada no mundo germanico, cuja civilisação desde cedo se desviou, concentrando-se nos processos, que se converteram em fins.

Sem a Prussia, sem a violencia dominadora dos grandes estadistas de Berlim, a Allemanha seria, ainda hoje, talvez, aquelle mozaico, incrustado na politica egoista e corrupta dos principotes germanicos, reinando sobre uma população ordeira e laboriosa, sem outro interesse para a humanidade, a não ser o de alimentar intensos fócos de sciencia e de cultura philosophica — as tradi-

cionaes universidades, onde se elabora o pensamento allemão. Todos esses elementos : a cubiça aggressiva do prussiano, a disciplina e o labor das populações, o abstracto intellectualismo philosophico dos pensadores, correspondem perfeitamente ao caracter desse povo, que, relativamente puro se conservou, e que tão poucas influencias directas recebeu.

E' natural do espirito humano a tendencia para as concepções formaes da vida, da natureza, do universo... Por entre as vicissitudes da existencia, no seu eterno transmutar, exprime essa tendencia o ineluctavel desejo de repouso, a imperiosa necessidade de ordem. No latino, de sensibilidade exigente, a necessidade de ordem converte-se numa aspiração de harmonia superior; e, então, com a maravilhosa intuição do genio que lhe é proprio, elle conciliou as duas cousas — o transmutar e a ordem— na concepção dos ideiaes humanos, formulas que, na instabilidade e na agitação do momento, permittem ao espirito repousar sobre a logica de um systema, para o qual pode trazer toda a actividade e todas as aspirações.

O latino procura um ideial para satisfazer, ao mesmo tempo, as necessidades de methodo e o desejo de felicidade, na perfeição moral. O methodo, na vida socio-moral, é disciplina; e o allemão, mais tardo, mais estreitamente preso á realidade, sem a iniciativa inquieta da imaginação vivaz, sentiu principalmente a necessidade de disciplina e de systematisação. Desde que o genio germanico se pôde affirmar mentalmente, foi para synthetisar em concepções vigorosas esse instincto de methodisação. Nelle, a especulação philosophica é um esforço incessante para a *norma,* e não a necessidade de satisfazer o coração, conciliando a intelligencia e o sentimento. O germanico pretende, para repouso de seu espirito, normalisar o universo, e essa philosophia de normalisação, quando levada ao dominio moral e

politico, desenvolve-se em disciplina formal, que será essencialmente a mesma, no optimismo de uns, no ascetismo ou no absolutismo de outros.

E' essa, tambem, a razão porque a philosophia allemã derivou desde lógo para o puro *metaphisicismo*, em formas tão guindadas e supersensiveis, que tudo se resume num intellectualismo nu, de descripções abstractas, desenvolvimentos de themas preconcebidos, sob os quaes vascilam os symbolos da linguagem ordinaria. Nesse tecido de logicismos, quasi desapparece o problema humano, subordinado ao empenho de inscrever em formulas definitivas tudo que se conhece, e até o que não se pode conhecer.

Assim se explica a inhumana evolução dessa philosophia, que partindo da optimista *ordem pre-estabelecida* de Leibnitz, atravez de Kant, Fichte, Hegel, Schelling... vem ter á pessimista e cega *Vontade* de Schopenhauer, e ao torvo, e não menos pessimista, *Inconsciente* de Hartmann. Todos fixaram uma norma ao universo, em vez de buscarem uma justiça simplesmente humana.

Kant — o divino Kant — ergue o homem, pela razão, sobre a natureza, transmuta-o; mas sobre a consciencia lhe deixa uma imperativa disciplina — norma categorica de razão e virtude, sem nuanças, sem visão no futuro, sem alimento para o coração, que aspira e procura, apezar de duvidar... Todo o problema humano se resolve, então, no kantismo, por um continuo e definitivo acto de dever.

Hegel, hirto, tenaz, pura intellectualidade, sem encantos, sem sympathia, nem humanidade, alvoroça-se talvez com Rousseau, para cahir depois no idealismo inhospito e inefficaz. Instinctivamente disciplinado, amigo da força, da ordem, da subordinação, só tem imaginação e invento para a combinação systematica, pura logica, de abstracções sobre abstracções ; e com ellas pretendia justificar o que o instincto pertinaz lhe

impunha. No hegelianismo, a propria Natureza se enrija, reconstruida mentalmente, e do homem se dissipa tudo que é verdadeiramente humano — espontaneidade, tentativa, renovação, emoção, progresso... A sociedade, mecanica de ideias no travamento metaphysico do universo intricado e vasio, gira concretamente sob a acção do Estado, em nome da Força ; e o philosopho não hesita, para resolver o problema humano, em appelar para esse mesmo Estado — o prussiano, que elle comprehendia e amava, no intuito de conter e abafar os reclamos da justiça e a liberdade do pensamento.

Esta foi a philosophia que maior influencia exerceu sobre a Allemanha, e bem merece o nome de *nacional* — plena expansão do genio germanico no alto pensamento. Fichte, Schilling, não quebram a linha rigida; nem mesmo Schopenhauer — o "mundo como representação", a vontade, essencia de todo o universo, a fatalidade do mal... A tal philosophia sempre escaparam as contingencias, as oscillações, a equação legitimamente humana, porque não é a questão do destino moral que a preoccupa e a inspira, si não as formas processuaes — a norma. Comprehende-se que a philosophia franceza, procedendo de Descartes chegue a Augusto Comte, e que a ingleza venha de Hobbes a Spencer... Num e outro caso, servidas por temperamentos diversos, com visões especiaes e criterios temporaneos, ellas se conduzem sempre para a forma das relações moraes, em vista do destino necessario ; o coração humano será sempre para ellas a *ultima ratio*. Comprehende-se tambem que a philosophia allemã se projecte para fóra do homem. Ella nunca produziria um Montaigne, nem um Rousseau, nem um Diderot.... nem um F. Bacon, um Locke, um S. Mill... Imagine-se um Tolstoi no genio allemão!... Hegel refuta Kant, não com a historia, mas pela virtude da logica, e Luthero, em Roma, ao contemplar

a pompa humana da Renascença, sente a necessidade de estabelecer um regimen religioso de absoluto formalismo interno, e aridez externa. O ideial moral desta philosophia — de Leibnitz a Hartmann — não é o da felicidade como partilha humana ; é o da dignidade individual como *norma*. Wundt, o mestre da experimentação psychicologica, finalmente lamenta, desolado, que o espirito, sempre *um* e sempre *vario,* não se deixe dissecar realmente, para uma definitiva classificacação normalisadora dos actos.

A Allemanha foi romantica, lyricamente sonhadora, numa inspiração nebulosa e vaga, para não ser humanitariamente utopista e revoltada. Não admira, por conseguinte, que do espirito allemão tivesse surgido o materialismo historico de Karl Mark. Quando todas as outras civilisações reclamavam, em nome da justiça, contra a espoliação dos trabalhadores; emquanto o genio russo exprime-se nas theorias libertarias de Bakounine, e o francez, nos processos humanos e associativos de Saint-Simon e de Blanqui; o allemão produz a theoria da lucta economica — a *luta de classes* como norma explicativa, a luta como processo normal de solução.

Chegamos aos grandes dias presentes, da Allemanha gloriosa e doutrinadora, mais affirmativa que nunca. A sua philosophia é toda pratica, assim o pretendem, — de pesquizas sociaes e de inspiração immediata. Descahiu do idealismo, mas não deixa de ser puramente normativa. Toda ella, em todos os seus esforços, tem verificado e tem proclamado, apenas : que não ha um destino humano a visar; que o mundo tem uma norma necessaria, e todo o seu destino ahi está. As vozes mais consagradas são: Simmel, Steinthal... a dizer-nos—que o direito e a moral não têm fundamento natural, e assim denegam todo ideal moral; Lazarus, Cumplowitz... que enleiam o individuo na trama de um espiri-

to publico definitivo, sem formula de progresso; Ihering, para quem o direito é um puro *modus vivendi* de egoismos, uma utilidade intelligente, que pode variar, tanto quanto fôr util a quem a formula — uma politica da força; e para renegar a eterna justiça, não hesita em transpor os termos da exhortação : *Fiat justitia, pereat mundus!* e clama: *Pereat justitia, vivat mundus!...* (1)

Eis ahi como, muito naturalmente, pela sua philosophia de puro normalismo, poude a Allemanha idealista, nebulosa e abstracta, descambar para o grosseiro utilitarismo de hoje. Intrepidos e tenazes, conduzidos por esse ideal de disciplina, e não de humanidade, foram os germanos facilmente absorvidos pela Prussia semi-barbara e dominadora.

A Nação allemã tentara constituir-se nas livres fórmas modernas, naturalmente, pela expressão legitima de todos os povos germanicos, e até transigira com o prussiano, offerecendo-lhe a corôa. Elle a despreza, para, vinte annos mais tarde, ornar-se dessa corôa, conquista sua, a ferro e fogo, imposição de força, sobre uma patria incompleta, barbarizada, convertida numa vasta caserna. Tudo isto se faz nos processos de uma politica que as almas escravas acham admiravel, e que, realmente, só consistio, em desprezar a moral, e impedir, pela força, pela astucia e pela crueldade, que a Allemanha realizasse a sua na-

(1) Liweck, I. 425, (citação de Bouglé).

tural evolução politica. Desprezar as reivindicações de uma assembléa livre, em 1849, e fundar a unidade allemã, em 1870, sob a fórma de uma restauração do "Santo Imperio Germanico", feudal, como o fez a Prussia, seria uma irrisão, um puro anachronismo absurdo, se não fosse a expressão necessaria e logica dessa evolução social guerreira, retardada cinco seculos nas aluviões do Baltico.

A Prussia entrou pela civilização occidental como a Macedonia de Philippe entrára pelo mundo grego. Instinctos elementares e vorazes, nuns e noutros; nuns e noutros, a mesmo confiança num destino superior. Se Alexandre se proclamava filho de Zeus, e com direito, por conseguinte, a conquistar o mundo, o Allemão se proclama o homem por excellencia, o superior, o destinado a commandar. O planeta é seu dominio, creado para o desenvolvimento natural do seu poder. Desta concepção politica do mundo, faz-se uma larga propaganda nas consciencias germanicas, maravilhosamente predispostas para aceital-a, principalmente porque lhe dão um tom metaphysico, e a impõem de modo messianico: "Os germanos, soberanos natos dos outros homens... O habito de commando fez dessa raça a raça dominadora por excellencia..."

Na realidade, ninguem se illude, e o pensamento real se trahe nos processos e nas pretenções materiaes; mas a fanfarronada como que se ennobrece se a vestem na farandulagem dessa logomachia mystico-scientifica. O motivo essencial é a voracidade, a sêde de riqueza e poder. Se bus-

cam a hagemonia politica é para garantir a expansão economica. Nem se diga que essa politica fez desertar do mundo os ideaes. Aqui está um: a raça eleita, feita para o commando, explorando o planeta, sob a garantia de milhões e milhões de fuzis amestrados e arregimentados.

Uma outra formula, acatada na sociologia e economia politica da Allemanha: "O ferro atrahe o ouro"... Seria mais expressivo e exacto dizer: "O ferro arranca o ouro". Os Hunos, Bulgaros, Vandalos... quando se lançavam sobre o Occidente civilizado e rico, bem que sabiam disto; não esperaram que os "Herrn Professorem" o ensinassem. Attila teria sido um doutor em sociologia... Assim se explica, talvez, a homenagem que lhe presta a casa reinante da Prussia, dando o seu nome — Eitel — a um dos principes.

Ninguem tem duvidas quanto aos verdadeiros designios da Allemanha; e fôra impossivel que neste momento não tivesse ella contra si todos os povos cultos — os grandes, que disputam o imperio do mundo, e os menores, que, tendo de ser "hegemoniados", preferem quem os trate em tom humano e educado.

Que nome dar a uma politica naturalmente irritante, e systematicamente aggressiva, impolida: Offensismo? Brutalismo?...

Von der Goltz,, "sub-Cezar" (porque se considera guerreiro e pretende ser escriptor) das Allemanhas, funde num só principio, a diplomacia e a estrategia: "Adoptaremos a offensiva estrategica, ou ficaremos na defensiva, segundo tenha sido a nossa politica, uma politica offensiva ou de-

fensiva." E todos sabemos que a estrategia prussiana é a da offensiva vigorosa, a todo transe... Ainda agora, nestas multiplas imposições e violencias, tem sido ella fiel aos seus processos e ás suas theorias.

A Allemanha parece não ter outro argumento senão a força; os seus estadistas só na força têm confiança. Manter e apparelhar uma força formidavel, apparece-lhes como questão de vida e de morte. Não queriam admittir a existencia nacional sem uma superioridade militar indiscutivel, esmagadora. E eram logicos até um certo ponto: obra exclusiva da força, a Allemanha moderna pensa não dever viver senão pela força.

Por imitação, por precaução principalmente, as outras nações armaram-se tambem; e assim se impoz ao mundo esse execrando regimen da paz armada, estado de guerra latente, em que ninguem vencia, e todos se extenuavam, regimen que vem terminar nessa carnificina sacrilega, de povos cultos, que, si lutam com honra e valor, já combatem com repugnancia, pelo que ha de hediondo na guerra.

" O que a força construiu, a força saberá manter..." affirmava a emphase prussiana. Agora, que toda a Europa, delirante de cansaço por esses quarenta annos de paz armada, rompe os diques diplomaticos e chama-a para a luta; agora, ainda que toda essa jactancia se desdobre em heroismo, difficil será á Allemanha manter pela força a sua obra de força.

Neste seculo de moral e de justiça, a força é necessariamente a mais precaria das garantias, de

que os povos se podem valer para manter a paz. Estimulada, impellida pela Allemanha, a Europa se arruinou armando-se permanentemente, e agora completa a ruina numa guerra — inevitavel, porque todos estavam armados. Desapparece a unica vantagem allegada para os armamentos. E' evidente que, fossem quaes fossem os calculos, jámais se poderia estabelecer um equilibrio capaz de garantir a paz: os que se julgam mais fortes tenderão sempre a abusar da força.

Comprehende-se a guerra actual; ella é um desafogo; é a libertação, a cessação de um estado militar permanente, insustentavel.

Nesta hora, quando os fanaticos da força quizerem argumentos para cantar-lhe a excellencia, voltem os olhos para a Belgica, — prospera, livre, rica, laboriosa, ordeira, progressista e tradicional, pittoresca como as suas kermesses, e onde se mantem na fartura a mais densa população da Europa; essa Belgica pequenina, e notavel na finança, na industria, na sciencia... sem apparato, sem pretenções guerreiras, e que se vê forçada a lutar, e sacrifica os mais robustos dos seus homens, e se cobre de luto, e mergulha na miseria!

E' a gloria da força! E' a sua obra!

Alli só se lutava contra a natureza; e o homem vencia sem fazer victimas. Hoje, para acudir aos planos de grandeza de um Hohenzollern, as cidades ardem, a vida geral se suspende, e milhares e milhares de vidas desapparecem... Gloria da força!....

*
* *

Não se veja nessas pontuações um puro sentimentalismo, em contradição com as necessidades reaes. Este horror da guerra, a que o homem de coração não póde fugir, é sentimento, mas é tambem uma inducção dos factos mais expressivos na natureza humana; elle reflecte a evolução natural do pensamento na especie. Quem póde resistir indifferente a cinco minutos de reflexão, se a consciencia se volta á visão da Europa actual?! Todos os homens validos, vinte ou trinta milhões dos homens mais robustos, a flôr da mocidade, o escól da maturidade, os homens mais cultos e mais aptos do planeta, quasi todos arrancados ao trabalho util, e atirados para a morte! E a morte ceifára nelles, e o odio os infamará, e a crueldade os desmoralizará... Todo o Occidente se perturba, a guerra se generaliza, e com ella, o luto, a dôr, a miseria, a fome... Tudo, porque um povo semi-barbaro preferio resolver os seus casos pelo ferro e pelo fogo, e por elle, e contra elle, o Occidente teve de armar-se.

A lição terá sido longa, e a prova dolorosissima, por isso mesmo efficaz. Vêr-se-ha, ainda entre as lagrimas pelos milhões de mortos, que, na phase actual da humanidade, a guerra só póde assegurar triumphos ephemeros, orgulho fugaz, produzindo logo a decadencia moral. E a guerra acabará. Acabará, sinão pela vontade consciente e reflectida dos povos, ao menos por essa decadencia fatal que della resulta... Si, abominando a guerra, perdem os povos a aptidão ao imperialismo—tanto melhor: a propaganda humana, o proselitismo livre, virão incorporar na grande con-

ciliação civilizadora os que ainda precizam de uma assistencia educativa. A condição de escravo não ha de ser, eternamente, um estagio indispensavel na civilização.

Confiemos na civilização; o brutalismo não vingará, por anachronico. Desse imperialismo voraz, irracional, a mais certa consequencia é a generalizada guerra de defesa, por toda a Europa.

A civilização se defende; é doloroso, mas necessario.

A "orbita gloriosa da Allemanha" é para todos os povos um nimbo presago, porque ella não póde fallar da sua grandeza e do seu progresso, sem fazer sentir o calefrio da ameaça. *Deutschland, Deutschland uber alles...!* não é o hymno de um povo que se sente solidario com a humanidade, e quer affirmar a sua gloria e o seu direito de ser humano; é um grito de appetite desvairado. Desvairado, mas real; na mentalidade do allemão moderno, este sonho de dominio exclusivo é um factor positivo. Elle se vê, effectivamente, *uber alles,* formidavel, como aquella *Kollossal* estatua que domina e enfeia a deliciosa paizagem rhenana.

Na Allemanha de hoje, o idealismo de outr'ora, a abstracção philosophica, a nebulosa imaginação poetica, não desappareceram de todo na pura realidade, mas degeneraram no baixo e grosseiro idealismo deste sonho imperialista. A politica do *Alldeutsch* é abertamente praticada. Multiplicam-se as construcções imaginosas do pan-germanismo ambicioso, para o qual o impe-

rio actual é uma simples phase transitoria — a organização de forças para a conquista definitiva do mundo. A "Allemanha de 1870 será, apenas, o nucleo solido do futuro imperio, que se estenderá por toda a terra onde ressôa o verbo allemão, *a esphera inteira dos interesses allemães...*" Póde-se duvidar que os limites do planeta cheguem para conter a totalidade desses *interesses*. Nomeadamente, até nos compendios didaticos, se indicam como destinados a serem incorporados no grande Imperio: A Suissa, a Hollanda, a Austria, a Belgica, o Luxembourgo, e todas as terras povoadas e utilizadas pelos emigrantes allemães — *onde ressôa o allemão*. E tudo isto "deve ser feito em nossos dias"... Qual o bom Allemão que não está convencido disto?...

A ideia de justiça descai, e todas as energias do pensamento e do sentimento vêm reforçar o instincto primitivo do barbaro. Applica-se a intelligencia pratica, com todo o esforço de uma vontade intensa e methodica, ao adestramento militar; crea-se o culto da força, proclamando-se a sua excellencia, a sua divindade. O *faustrecht* é praticado com a legitimidade da verdadeira crença, com o fervor e a exaltação das grandes esperanças. Os "aedas" inspirados do germanismo conquistador, fallam da força com a paixão dos grandes ideaes; e, de mais em mais, se enraizou na alma do germano prussianizado essa concepção militar e guerreira da civilização, essa doutrina horrenda da força, superior ao remorso, aos escrupulos e á generosidade, "a força intelligente, reflectida, que legitimamente se impõe pela vir-

tude que lhe é propria, porque é não somente inevitavel, mas util, sadio e normal que a força se sobreponha á fraqueza...”

*
* *

Como o seculo é da sciencia, a Allemanha não podia deixar de fazer a *theoria scientifica da força*. O patriotismo aggressivo veio abrigar-se na sciencia, mascarando num *jargon* scientifico e pedantesco, o dominio brutal, que uma occasional superioridade de força lhe garante. Essa theoria equivale á do animal robusto, combatente, ousado, que discreteasse: “Pois não vêem que tenho dentes, musculos e mandibulas? Para que ha de ser, senão para morder, subjugar, despedaçar, devorar?...” Então, os mais formaes attentados á justiça e aos direitos humanos são explicados na metaphysica mechanico-sociologica do brutalismo.

Falla-se em *sobrevivencia dos mais aptos, direito da força, moral energica, raças superiores, direito dos dolycocephalos louros, povos de commando, civilizações dominantes*... E citam-se nomes, e vêm formulas. Nunca a sciencia foi tão calumniada e infamada. Os Tamerlões, e Brennos, e Alaricos, eram muito mais elegantes e naturaes. Senão, ouçamos esta justificativa:

“Não se quer dizer que a *força prima o direito;* nem ha entre elles antagonismo; o direito é uma consequencia da força; não ha direito se não ha força, não ha força sem direito...” Por conseguinte, Bismarck não poderia ter querido

antepôr a força ao dlreito, pois que *só ha direito se ha força*. " O direito é uma missão sagrada dos individuos robustos, dos povos sãos." Por outras palavras — é a vontade, o interesse do forte. Um escriptor solemne e grave, como o Sr. Dr. Professor Gaevernick, pro-rhector da Universidade de Friburgo, depois de repetir com emphase germanica todos esses quadros da conhecida grandeza allemã, conclue serena e scientificamente que: "Um novo imperialismo, novo e crescente, está por toda a parte inclinado a lançar a guerra politica na balança das rivalidades economicas." Não se extranhe, por conseguinte, que alli, nas outras universidades, se ensine correntemente: "Que os Estados politicos não são dominios fechados, senão espheras de influencias...Uma nação não é um grupo ethnico, ou de tradições communs, limitado a um territorio definido; mas uma energia sempre activa, esforçando-se de modo ininterrupto para extender a sua influencia, o seu poder, lutando sem cessar, no Universo inteiro, sobre todos os pontos do globo, com as energias rivaes, das outras nações, cuja força de expansão limita o seu proprio poder..."

Traduza-se em linguagem chã essa philosophia do imperialismo, e teremos a nefanda sentença que condemna a sociedade humana á guerra sem fim. Ou isto, ou as pretenções sociologicas de um Bruck, que indica os destinos dos povos, em leis comparaveis a formulas de mecanica.

Como theoria de governo, ensina-se: "Todo dominio (doce vocabulo ás oiças germanicas!) é o

resultado de uma guerra; no dominio, as forças da guerra chegam a fazer equilibrio; os vencedores tornam-se senhores, os vencidos cessam de resistir; mas a luta, o essencial, só faz mudar de fórma de dominio, em vez da de guerra, ella se tornou latente; e esse estado de guerra latente é o que mantém entre os dominadores e os dominados uma eterna tensão de força; manter essas forças em equilibrio é — *a arte suprema de todo governo.*" Donde, a conclusão logica, — de que o ideal de governo é o da Polonia dominada pela Prussia...

Ha um Cumplowitz, *Doctor* e *Professor,* expressão sincera do moderno pensamento allemão, e que em tempo entrou ruidosamente no *mentalismo sociologico* e *juridico* da nossa terra. Vençamos a repugnancia de repetil-o, e edifiquemo-nos com a sua sociologia: "A essencia da divisão do trabalho é que uns trabalhem para os outros... nenhuma divisão do trabalho é proficua sem o dominio... O dominio é, finalmente, uma divisão do trabalho regulada pela força... Os sentimentos de humanidade se oppõem a todo desenvolvimento da civilização... Se os homens tivessem sempre sentimentos humanos, se em cada ser humano vissem os dominadores um *semelhante,* muitas obras importantes da civilização se não teriam feito... A differença mais notavel entre os homens e os animaes é que estes não se sabem fazer servir, não sabem explorar os seres differentes ou os seus semelhantes".

Pobre sciencia! Quanta miseria de sentimento, quanta infamia de idéa em teu nome! O menor

dos crimes mentaes do doctor prof. de Graz é obrigar-nos a dividir a *superioridade humana* com todas as formigas *esclavagistas,* e, em geral, com todos os parasitas, desde as lombrigas e piolhos, até ás sanguesugas e carrapatos...

Os argumentos e raciocinios desta sciencia não esclarecem, nem convencem: esmagam como tacões de botas. O pangermanismo, que inventou as "iniciativas e energias especificas do dolycocephalo louro", apenas admitte que o resto dos homens pertença ao genero humano. Nos seus ensaios e dissertações sobre a "Desigualdade das raças", não se embaraçam para demonstrar que são elles os superiores. Aos latinos — mesquinhos latinos! — a esses, quasi negam a qualidade de ser intelligente. "Faltam-lhes, diz Hartmann, as qualidades realmente indispensaveis nas lutas da politica mundial, a saber: energia propria para a acção, equilibrio intellectual, e, o que é mais, o poder de servir a uma grande causa". Não eram mais presumpçosos os da Judéa, quando desprezavam o Christo por ser Gallileu: "Póde vir da Galliléa alguma cousa boa?..."

Negam-nos, a nós latinos, a capacidade e aptidão para o mando, e implicitamente o direito de nos governarmos. E' possivel que tenham os latinos perdido esse dom, em que povo algum os igualou, e que justificava a exhortação virgiliana:

"*Tu regere imperio popolos, Romano, memento*".

E' possivel; admittimos, acceitamos, e comprehendemos a decadencia latina para o imperialismo, porque temos por verdade: que a supe-

rioridade e inferioridade das raças são phenomenos essencialmente relativos ao momento historico, e muito variaveis. O brutalismo sociologico póde querer arrancar á sciencia uma aristocracia ou superioridade ethnica; mas, na realidade, esta superioridade não existe. Na apreciação da marcha necessaria da civilização, a raça é uma questão á margem. Todas ellas passam, têm passado, e hão de passar, pela civilização. O que ha de importante, a esse respeito, são as direcções de pensamento civilizador, são os movimentos humanizadores, oriundos de um povo, num momento de crise propicia, e que se propagam utilmente por outros povos. Uma imperfeita e inexacta apreciação confunde esses phenomenos — aryanismo, semitismo, hellenismo, latinismo, anglicismo, germanismo, romanismo. . . confunde-os, a esses phenomenos essencialmente psychico-sociaes, com o phenomeno raça, inteiramente organico.

Seja ! dir-se-ha : "Si o germanismo existe, considerado mesmo como direcção e fórma de movimento psychico-social, nada impede que seja elle dotado de virtudes imperialistas."

Sim, o germanismo é um facto; mas um dos seus mais accentuados caracteres é a incapacidade para o imperialismo.

Entendamo-nos.

*
* *

O imperialismo, doloroso processo de civilização extensiva, é sempre, em si mesmo, guerra, conquista, dominio, militarismo, parasitismo poli-

tico-economico. No seu sonho de progresso moral e politico, preferem os radicaes inglezes a quéda do Imperio, á continuação dessa politica de força, que, para manter o dominio externo, acabará barbarizando a Grã-Bretanha, militarisando-a, incompatibilizando-a com a justiça e a liberdade. Apezar de tudo isso, ao progresso aproveita o espirito imperialista, quando o conduz o genio juridico administrativo do latino, ou a capaciade moral do inglez. Nas fórmas prussio-germanicas, porém, o sonho imperialista se afigura ao mundo civilizado como a suprema desgraça. A perspectiva da victoria allemã faz tremer os mais calmos e indifferentes. A simples hegemonia germanica, arrogante, aspera, já era insupportavel.

O chamado genio allemão é qualquer cousa de muito inappetitoso ao resto do genero humano; só ao allemão póde convir. Atta Troll é hoje uma Nação, e pretende governar o mundo! Todos comprehendem que agora se joga nos campos de batalha a grande partida do imperio mundial, guardado em grande parte pela Grã-Bretanha. A Russia é uma pretendente provavel, amanhã. Mas, entre o que se conhece de certo, do imperialismo inglez, e o que se deve esperar do prussiano; entre este — que é o perigo immediato, e o moscowita ainda longe, ninguem hesita.

O genio allemão se organizou numa synthese de qualidades — admiraveis, preciosas, algumas, mas que se affirmam num exclusivismo de processos, numa rigidez de fórmas, que o tornam inassimilavel por qualquer dos outros grupos sociaes.

Na psyché do teutonico, a propria intelligencia se fixa numa disciplina rigida, que não é apenas methodo mental, mas normalismo formal, exterior á logica de cada pensamento,—forte disciplina para reger todos os surtos e todas as iniciativas. O sabio allemão, o pesquisador, conduz as suas observações e as dispõe, com o aspecto de um consciencioso empilhador que, methodicamente, tenha seriado as suas tarefas: emquanto accumula, não examina; quando examina, não discute; quando discute, não classifica... Dest'arte, a sciencia adquire um grande rigor apparente. O excesso de technica e de formulas — que é sempre norma — dá-lhes á producção essa seccura que, aos desprevenidos, parece o proprio amago do saber. Os mais intelligentes servem-se do talento principalmente para crear o methodo; mettem-se nelle, e vão depois levados por elle como se não tivessem entendimento para critical-o, nem aptidão para reformal-o.

A vontade, que devera ser a capacidade lucida de organisar a acção util em cada momento e cada conjunctura, é, nelles, a força que os mantem conscientemente submissos ao methodo...

Por tudo isto, o mundo allemão sempre foi na Europa um todo relativamente isolado ou fechado. No caracter germanico, virtudes preciosas, tomam um tom irritante, desattrahente. A ordem moral é a pura disciplina, hierarchia mecanica, commando, caporalismo; o methodo — formalismo rispido e pedante; a coragem — inclemencia, arrogancia....

O regimem de submissão, calmamente acceita,

a que submettem todas as crianças, alumnos, soldados, funccionarios, empregados, operarios, como que moldou definitivamente a alma da Nação, isolando-a virtualmente, ou, pelo menos, limitando de modo sensivel a importancia das influencias immediatas deste grande povo sobre a civilização em geral. Menos do que qualquer outro individuo, sente o Allemão a necessidade de expandir a sua inteira e completa personalidade; voluntariamente, ageita-se elle em ser um *Teilmensch,* um simples orgão, estreitamente localizado numa funcção. O dilettantismo do latino, sendo um grave defeito, é, no emtanto, o aspecto exagerado de capacidades adaptivas, mallebilidade de espirito, espontaneidade, vibração... qualidades que tornam faceis as influencias reciprocas, necessarias ao progresso em geral. O regimen social contêm, alli, de tal modo o individuo, que o extrangeiro tem o sentimento de uma escravidão. E' natural que nesse meio socio-mental, tenham rebentado as extremadas reacções individualistas, como o amoralismo de Stirne e de Nietzsche.

De tudo isto, resulta que o allemão moderno, progressista, intellectual, dá, no emtanto, a impressão de inhumano, inassimilavel. Os Polacos da Posnania repellem a civilização teuto-prussiana, como a repellem os teuto-dinamarquezes do Schleswig-Holstein. Pois não é um caso excepcionalmente expressivo este? Os inglezes, num iniquo movimento de expansão imperialista, atacam as Nações Boers; trava-se uma luta cruenta; as pequenas Republicas são esmagadas, annexadas, depois de uma resistencia heroica, intransigente,

e que parecia ser o fermento de odios e incompatibilidades definitivas. Trata-se de povo differente, em raça, lingua, tradições; no emtanto, dez annos passados, apenas, estão Inglezes e Boers collaborando para uma obra commum de civilização — a reconstituição da Nação Sul-Africana, ao largo influxo do livre imperialismo britannico. Em contraste com esta facil socialização civilizadora, nós vemos os allemães — que reconquistam a Alsacia, provincia de origem e de lingua allemã, e a têm incorporada ao Imperio 44 annos, sem que esses germano-alsacianos se possam assimilar ou adaptar ao germanismo prussiano, com que se vieram encontrar, depois de um seculo de convivencia franceza. E agora, os Francezes, ao entrar de novo na Alsacia, são recebidos como libertadores.

Quaesquer que sejam as suas virtudes especificas e capacidades de progresso,não possuem os allemães o verdadeiro espirito imperialista, espansivo, socializador, isto é, essa capacidade de superior organização politica, ao mesmo tempo disciplinada e adaptavel a todos os temperamentos nacionaes, a todas as necessidades do progresso. Póde-se mesmo dizer que nenhum povo da Europa deu tanta prova de inaptidão politica, como o Allemão. Sendo a mais homogenea como raça, lingua, tradições, costumes; tendo sempre gozado de autonomia, livre de incursões violentas e de conquistas, como succedeu aos Italianos, Hespanhoes, Gregos, Francezes, Slavos e Inglezes, é a Nação allemã a ultima que se unifica na Europa, e, quando chega á unidade, é de modo incom-

pleto, imperfeito. Esse Santo-Imperio-Allemão,— que pesa sobre o Occidente, através de todas as formações e reconstituições das nações modernas, representa a mais esteril e incapaz das instituições politicas da Europa. Dez seculos de existencia se passam, sem que elle tenha repercussão, quasi, sobre a organisação definitiva do Occidente. Toda a sua obra politica se cifra na luta immediata pela soberania, contra o Summo Pontifice, e em ephemeras conquistas na Italia. Os seculos se succedem, e persiste, animando-o, apenas, aquelle torvo sentimento do barbaro fascinado pela grande Roma; por baixo delle, abrigado nelle, o feudalismo, perturbando, retardando a evolução nacional. Finalmente, o Imperio de Otton fixa-se na casa d'Austria, — dos grandes allemães que enfrentaram e contiveram o turco; e essa Austria se revela tão incapaz para a assimilação politica e social como os outros tedescos. Nem é uma Nação, senão um grande systema feudatario, dentro do qual o espirito allemão reage como isolador, irritante e infecundo. A Austria é a verdadeira "Turquia da Europa", na inaptidão para crear a unidade nacional. Dir-se-ia que o Estado Austriaco é ainda mais improprio para essa obra politica do que o dos Ottomanos, porque esses têm contra si a divergencia essencial de religião, relativamente aos povos comprehendidos no seu dominio, assim como os profundos sentimentos de odio, derivados das luctas que determinaram a conquista e a submissão; ao passo que o Imperio dos Habsburgos incorporou sómente povos christãos, e *ob-*

teve-os, quasi todos, não por conquista, mas por meio de arranjos dymnasticos: ....

> .....*Tu felix Austria nube*:
> *Nam quæ Mars aliis dat tibi regna Venus.*

Não se encontra ahi, como na França, na Inglaterra, na Hespanha, essa vigorosa capacidade politica, organizadora, affirmativa e socializante, que fundio em Nações homogeneas povos diversos. Nem a visinhança do mundo latino, da Italia, nem o prestigio do nome — Imperio, conseguem *incorporar* realmente esses povos, que, na Austria se approximam, e quanto mais se approximam mais se desunem.

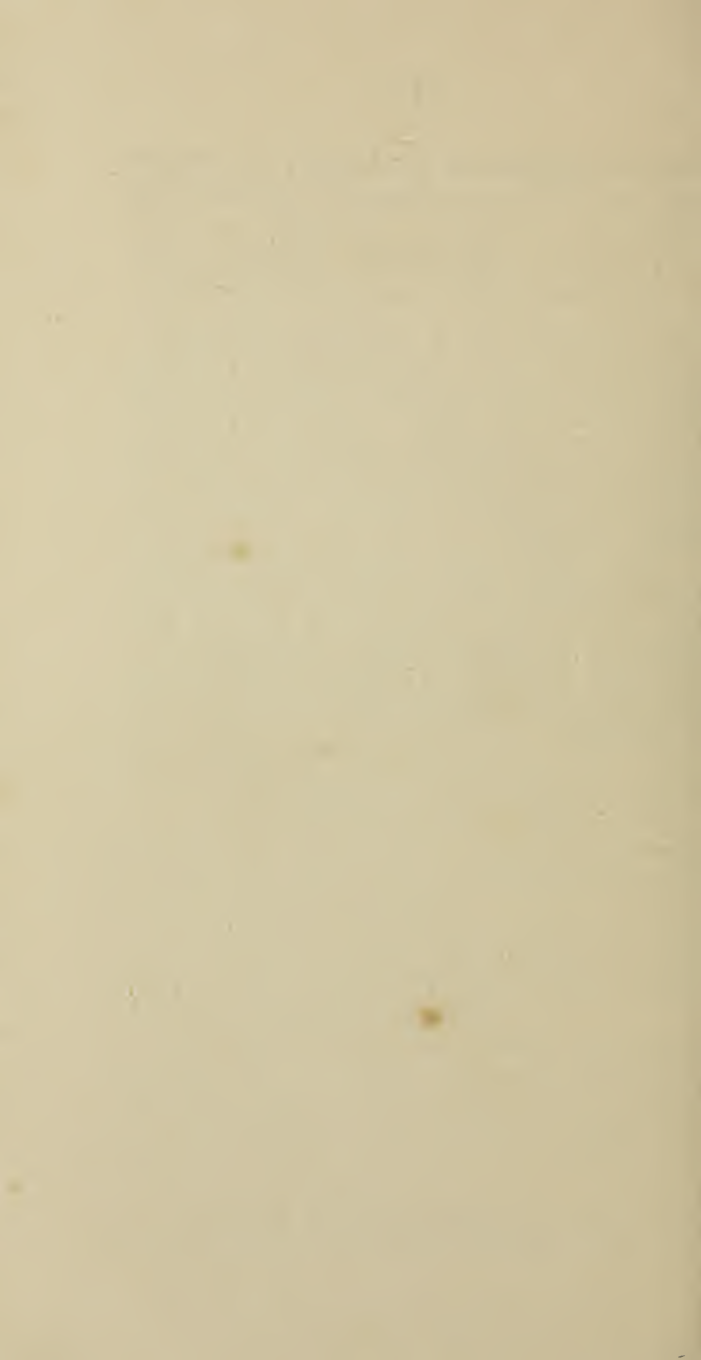
Evidentemente, falta ao germano o verdadeiro espirito imperialista, socialisante. Não prevalece como prova em contrario, nem a obra de Carlos Magno, nem o persistente e progressista Imperio Britannico. Carlos Magno é um germano — uma energia nova, agindo sobre um mundo assimilado ao genio latino ; o seu Imperio vai de oeste para léste, e, delle, só vinga aquella parte em que influe o latinismo.

O verdadeiro imperialismo inglez só existe quando a Nação Anglo-Saxonia se refaz ao influxo dos Normandos-francezes.

Em ambos os casos, a energia saxonia se constitue um factor bem ponderavel; mas o espirito que inspira e anima a obra politica é ainda um reflexo do genio latino sobre a civilização occidental.

O allemão moderno, paciente e exacto, perde-se e esgota-se nas particularidades e nos por-

menores; repugnam-lhe as imagens ao mesmo tempo generalizadoras e humanas, que estimulam o sentimento e animam o pensamento, nos surtos de expansão social. A sua consciencia, onde tão bem se representa a pura abstracção philosophica, harmoniza mal as realidades moraes; parece mesmo que a sua mentalidade não póde conhecer outras formas psychicas, outras formas de ser humano e social, senão a que lhe é propria. Será por isso, talvez, que tão pouco e tão mal aprecia o factor moral, na politica, na guerra, na evolução em geral.

Agora mesmo, tudo demonstra que, atirando-se a essa aventura em que tanto arriscam, os Allemães desprezaram o factor moral, em tudo que diz respeito aos outros povos, e computaram as probabilidades de triumpho pelas simples realidades materiaes.

Darwin e os conquistadores

Raramente se encontra na historia do pensamento moderno, um typo humano mais perfeito, e por isso mesmo mais interessante e seductor, do que o sereno e benevolo auctor da *Origem das especies*. Quem leu os seus trabalhos scientificos, procura encantado conhecer o homem, e quando lhe conhece a historia, ama-o como devem ser amados os heróes da bondade, os genios da verdade generosa e regeneradora. Mas, tanta razão tinha Pascal quando lembrava que : *Il est dangereux de faire voir à l'homme combien il est égal aux autres bêtes, sans lui montrer sa grandeur...* — tanta razão tinha o grande jansenista, que vemos o pobre Darwin incessantemente calumniado, por massacradores e carnifices, que se abrigam ás suas doutrinas, pretendendo justificar com ellas os grandes crimes contra a justiça, os monstruosos attentados contra a civilisação e a dignidade humana.

O *Jornal do Commercio,* de hoje, traz um resumo do celebre livro — *Deutschland und der nachste Krieg,* cujo auctor, o muito guerreiro General Von Bernhardi, ennaltece as virtudes do morticinio e da conquista, incitando a sua Allemanha a lutar contra o mundo inteiro, se tanto fôr preciso, para conquistal-o e dominal-o. Ahi, nessa obra infame, repetem-se as mesmas calum-

nias que deturpam ignobilmente o pensamento do honesto naturalista, quando intentam demonstrar que, da theoria da *Selecção Natural* e da *Lucta pela Vida,* se deduz forçosamente —que "a guerra é uma necessidade biologica, de alta e primordial importancia, um elemento regulador da vida da especie humana, sem o qual esta não póde seguir seu desenvolvimento natural e avançar em civilização e saude".

Não: Darwin nunca pensou taes monstruosidades, nunca disse tal infamia. O resumo explicito de toda a sua theoria é que: na especie humana, a solidariedade e o concurso fraternal se substituem á luta entre os seres da mesma especie; e que, neste sentido, se faz a evolução humana, cuja expressão suprema é a acquisição do senso moral, unica e real distincção entre o homem e o bruto. Nem mesmo incidio Darwin naquelle descuido, a que se refere Pascal: *En faisant voir à l'homme combien il est égal aux autres bêtes, il lui a montré au même temps sa grandeur.* Se ha, entre os assassinos—guerreiros e conquistadores, prussianos ou não,— quem seja capaz de comprehender o pensamento da verdadeira condição humana, leia as palavras do grande Inglez: "Esta grave questão — *qual é a tua origem?* muitas vezes tem sido repetida, e muito habilmente debatida; se, por minha vez, a ella me refiro é porque, que eu saiba, ainda ninguem a abordou do ponto de vista da historia natural do homem. Quando a abnegação pessoal, o amor do proximo e o sacrificio de si mesmo, se fortificaram como sentimentos, atravez de um numero incalculavel

de gerações, sob o influxo da reflexão e do habito, e o homem chegou ao estado de não mais hesitar em arriscar a vida para salvar a de um dos seus semelhantes, ou sacrifical-a por uma grande causa qualquer, elle disse a si mesmo: *sou o juiz supremo da minha propria conducta, e a dignidade humana não terá que soffrer em mim.*" Para Darwin, a *dignidade humana* era a completa solidariedade de toda a especie, era a verdadeira justiça,era a generosidade integral, estendendo-se aos proprios animaes inferiores. "A sympathia levada para fóra dos limites do homem, isto é, a compaixão para com os animaes, parece ser uma das ultimas acquisições moraes... Avançando o homem em civilização, reunindo-se as pequenas tribus em communidades maiores, a simples razão indicou a cada individuo que elle deve estender os seus instinctos sociaes e a sua sympathia a todos os membros da mesma nação, ainda que elles sejam pessoalmente desconhecidos. Chegado a esse ponto, só ha uma barreira *artificial* que lhe possa impedir as sympathias de se estenderem a todos os homens, de *todas* as nações e de *todas* as raças... A' medida que o homem tiver progredido em poder intellectual e fôr capaz de seguir as mais longinquas consequencias dos seus actos; quando elle tiver adquirido bastante conhecimento para repellir costumes funestos e superstições; quando elle tiver em vista, cada vez mais, o bem-estar e a felicidade dos seus semelhantes; quando o habito resultando da experiencia, da instrucção e do exemplo, tiver desenvolvido e estendido as suas sympathias aos homens

de todas as raças, aos enfermos, aos imbecis e aos outros membros inuteis da sociedade, emfim, aos proprios animaes,— então, o nivel da sua moralidade se terá elevado de mais em mais."

Eis, para o philosopho naturalista, o caracter da verdadeira moralidade, o unico titulo de superioridade humana. Uma moralidade que se limitasse aos individuos da mesma raça, ainda que nella se incluissem sentimentos de inteira abnegação, seria sempre inferior, bestial. A solidariedade limitada, elle a admitte nos brutos: "Não póde haver duvida que existe uma immensa differença entre o espirito do homem e o do animal mais elevado. Se o macaco anthropomorpho fosse apto a considerar o seu proprio caso de um modo imparcial, teria de admittir que, se bem que capaz de combinar um plano engenhoso para pilhar um jardim, ou de se servir de pedras para combater... se bem que seja capaz de se fazer comprehender aos gritos por outros macacos, se bem que podesse demonstrar estar prompto a ajudar, de diversos modos, os companheiros do mesmo grupo— arriscando a vida por elles e encarregando-se dos seus orphãos; apezar de tudo isto, seria forçado a reconhecer, como qualquer cousa ultrapassando completamente a sua comprehensão, este amor desinteressado por todas as creaturas vivas, e que constitue o mais nobre attributo do homem".

Esta, sim, é a philosophia de Darwin, em toda a sua pureza e verdade. Contrariem-n-o; demonstrem que elle errou; provem que a grandeza do homem está em assimilar o cynocephalo, o tigre, o chacal, a rapoza, o javali, o crocodilo, o tu-

barão, o polvo ; mas não calumniem, não deturpem uma obra sincera, que buscava a grandeza do homem na elevação moral, nem queiram com ella explicar a torpeza e a ignominia desse nefando crime, que é a guerra de conquista. Não ha, em toda a obra de Darwin, uma só palavra que a justifique; nada no seu pensamento poderia lealmente servir á these do Sr. Von Bernhardi. Entre a guerra, como os Prussianos a praticam, e a dignidade humana como entende Darwin, ha a mesma differença que entre a bestialidade e a moralidade.

Não são conclusões de um desvairado latino, e que, por latino, não possa attingir as cumeadas do pensamento normal ao caporalismo e ao brutalismo germanico. Um allemão, Büschner, fixa nesta formula a doutrina de Darwin: "Na especie humana, é precizo substituir a luta de uns contra os outros, pelo combate levado por todos, solidariamente, contra todos os males que podem attingir a humanidade — contra a fome, o frio, a miseria, as privações... e no qual, o bem do individuo se tornaria mais ou menos identico ao bem do conjuncto". Digamos no entanto, que se Büschner assim honrava a sinceridade do pensamento de Darwin, é porque nelle não se reflectia a alma dessa Prussia cruel, ninho de guerreiros e de depredadores. Büschner era o mesmo que dizia, em 1868, commentando a obra, então recente, de Darwin: "Si na nossa Europa envelhecida, e que

cada dia mais deslisa no rapido pendor do cezarismo, pelo militarismo e o dominante cuidado pelos interesses materiaes do dinheiro e do poder — si nessa Europa, ainda é possivel uma renovação philosophica, ella se fará pelas idéas que aqui represento".

Hoje, nestes dias tristes, quando se accusam os Allemães pelos exicios que lhes ficam nos rastros, como que para offuscar e não deixar perceber a verdade, elles se defendem proclamando o fulgor da sua grande cultura, a *grande cultura allemã*: litteratura, sciencia, industria, riqueza... como se nisto se resumisse a grandeza humana. O progresso da especie se accusa na cultura moral, e se mede, em cada grupo, pelo sentimento de solidariedade geral. A intelligencia é puro instrumento, que póde servir para o bem e para o mal. A qualidade humana estima-se no individuo pelo numero de seres que nella se envolvem. Christo foi um genio moral superior a toda a philosophia grega. São os Allemães admiravelmente bem organizados; vivem numa perfeita disciplina civil; as leis sociaes que puzeram em uzo patenteiam uma invejavel solidariedade — de fronteiras a dentro; mas essas formas de vida moral elles não as estendem ao resto da especie, porque não os anima o sentimento da verdadeira moralidade, essa que abrange todos os homens. Uma solidariedade limitada aos do mesmo sangue ou da mesma Nação — essa, possuiam-na, e em dose muito mais elevada e mais completa, os nossos Tupynambás, que por Montaigne foram apreciados e admirados, quando, em 1857, os levaram a Rouen, "*du temps*

que le feu roy Charles neufviesme y estoit". Refere o philosopho de *L'Amitié,* que um dos factos mais notados pelos selvagens, foi que houvesse, "entre nós homens plenos e recheiados de commodidades, e que o resto dos seus companheiros vivessem mendigando ás suas portas, descarnados de fome e de pobreza; e achavam extranho que esses desgraçados pudessem supportar uma tal injustiça".

A moralidade restricta encontra-se em qualquer tribu de Zulus, que, na dedicação á communidade, chegam a lances de heroismo não ultrapassados pelos germanicos.

Quão differente é o fallar deste theorista dos massacres e das espoliações, da linguagem de um Condorcet, defendendo na *Convenção* o novo systema metrico proposto pela França! "A Academia procurou excluir toda condição arbitraria, tudo que pudesse fazer suspeitar a influencia de um interesse particular da França, ou de uma pretensão nacional; ella quiz, em summa, que se os principios e os detalhes desta operação pudessem passar á posteridade, só elles passassem, e fosse impossivel adivinhar que Nação os ordenou e os executou."

O egoismo collectivo, que o general allemão decanta, é muito mais hediondo e vil que o individual; falta-lhe a grandeza da sobranceria, a belleza da coragem pessoal. Essa longa ode, em que a brutalidade do soldado prussiano tentou cantar os seus idéaes, dá-nos o sentimento do que seria o canto do abutre, ebrio pelo fartum da carniça.

O commentario do "Jornal" diz que foi esse livro que levou a Allemanha á guerra. E' muito, — que o verbo enfatuado e irritante de Von Bernhardi tivesse a virtude de atirar uma grande Nação a guerra tão monstruosa, e que será, talvez, a desgraça della propria. O livro do general se fez celebre, justamente, porque é o expoente do estado d'alma dessa Allemanha infamada pela Prussia, e que se degradou até ligar a sua grandeza á guerra e á soldadesca. A obra de Von Bernhardi, além de immoral e brutal, é inhabil e até estupida, porque põe inteiramente a nú a politica guerreira e ameaçadora do germanismo.

Fôra demais — que o Occidente estivesse hoje na angustia dessa guerra que corrompe toda a civilização, só porque um grosseiro e fanfarrão apologista do sangue e do morticinio se lembrou de fazer philosophia. A grande catastrophe alcançou o mundo porque, no progresso inharmonico da sociedade humana, o apparelho director e representativo de cada Nação, guarda o caracter archaico e barbaro de força, e só como força sabe agir. Não tendo acompanhado a evolução moral, os orgãos centraes do Estado dirigem a vida dos povos por processos que oscillam da oppressão á corrupção. Os seus grandes servidores, assim como não contam com outra força que não seja a força bruta, não conhecem outra grandeza, além da grandeza material.

A guerra se desencadeiou, porque, por toda parte, a politica, que devera ser uma pratica de moral e sabedoria, é uma escola de aviltamento e de empirismo, estreitamente interesseiro. Quem

não via que, conduzidas as Nações como eram conduzidas, iriam ter á guerra? Quem não via que esta guerra, sem resolver nenhum dos grandes problemas humanos, iria levar o mundo á miseria e á infamia?... Não o viam os politicos, estadistas e dirigentes, em geral, typos de esperteza egoistica, e que, por um doloroso paradoxo da liberdade e do progresso, contêm os destinos concretos das nações. A esses, é possivel que a prosa espessa e ignobil de Von Bernhardi tenha convencido das virtudes da guerra, e, então, por elles foi levada a Europa ao supremo infortunio. Confiemos que o progresso se corrigirá, e que a humanidade saberá continuar a viver sem os que a degradam. A Historia nos apresenta o caso, muito eloquente — do unico, entre os povos antigos, que se poude conservar, o Judeu: foi o povo que, desde cedo, não teve mais, nem politicos, nem generaes. Teve prophetas. Que não seja uma lição, que não seja um exemplo... será indicação nos dados do grande problema.